

UM CANTO DAS GEÓRGICAS BRASILEIRAS

Enio Aloisio Fonda

No exílio forçado de Roma, José Rodrigues de Melo (1) publicava, em 1781, a obra cujas características bibliográficas são:

JOSEPHI RODRIGUES DE MELLO / LUSITANI
PORTUENSIS / DE RUSTICIS BRASILIAE REBUS
/ CARMINUM / LIBRI IV. / ACCEDIT PRUDENTII
AMARALII / BRASILIENSIS / DE SACCHARI /
OPIFICIO / CARMEN / (Vinheta ornamental) / ROMAE
MDCCLXXXI. / EX TYPOGRAPHIA FRATRUM
PUCCINELLIORUM. / Prope Templum S. Mariae in
Vallicella. / Publica auctoritate.

A sua obra, como se vê, juntou José Rodrigues de Melo o charme *De sacchari opificio* (Canto sobre o fabrico de açúcar), do Padre Prudêncio do Amaral (2), publicado um ano antes, em Pesaro, por outro Jesuíta, Jerônimo Moniz (3).

Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo não foram contemporâneos. O segundo reeditou o primeiro, incluindo-o na sua obra *De rusticis Brasiliae rebus* (Cantos rurais do Brasil), que o tradutor, o baiano João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, chamou *Geórgica Brasileira*, a Academia Brasileira de Letras, *Geórgicas Brasileiras*, no plural, mais evocativo e consentâneo com a nomenclatura de Virgílio.

(1) Nasceu a 24 de janeiro de 1723 no Porto. Entrou na Companhia de Jesus, na Bahia, a 19 de julho de 1739. Deportado em 1760 para os Estados Pontifícios. "Insigne Humanista, e no exílio da Itália cultivou a poesia portuguesa e latina." Faleceu em Roma a 4 de agosto de 1789.

(2) Nasceu em 1675 no Rio de Janeiro. Entrou na Companhia de Jesus a 30 de julho de 1690. Pregador e Professor de Humanidade na Bahia e no Seminário de Belém da Cachoeira. Faleceu a 27 de março de 1715 no Rio de Janeiro. Deixou inacabado o poema latino *Descriptio epica molis sacchareae*, mais conhecido sob o nome *De sacchari opificio carmen*. Cf. nosso artigo "O Padre Poeta Prudêncio do Amaral redescoberto". IN: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Universidade de São Paulo, N.º 10, 1971, p. 95-108.

(3) Nasceu a 3 de junho de 1723 na Vila de São Francisco, Bahia. Entrou na Companhia de Jesus a 28 de setembro de 1737. Ensinou Humanidades e Filosofia. Colhido pela perseguição geral de 1759, saiu deportado da Bahia para Lisboa e dali para a Itália. Limou, arrematou, comentou e divulgou, publicando-o, o poema didático que Prudêncio do Amaral deixara inacabado. Por isso, seu nome fica ligado ao referido *Carmen*.

Cantos de economia rural do Brasil, objeto principal dos seus pensamentos, aspectos essenciais à vida: o pão e a carne; e ainda um terceiro, por desfastio, o tabaco. Eis o conteúdo da obra de José Rodrigues de Melo.

Ao pão ou farinha de Mandioca (a raiz do Brasil) consagra dois livros; à Criação do gado, um canto; à Cultura do fumo, outro canto. Tudo: bucolismo, economia rural, observação de fatos, descrições diretas e vividas, beleza.

A obra conjunta de José Rodrigues de Melo e Prudêncio do Amaral Jerônimo Moniz mereceu, depois da edição romana (1781), outras edições:

- 1 — Lisboa, 1798, Tipografia Patriarcal de João Procópio Correia da Silva, por Frei Mariano da Conceição Veloso (2.^a ed.);
- 2 — Bahia, 1830, Tipografia Imperial e Nacional, acompanhada da tradução brasileira de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis (3.^a ed.);
- 3 — Rio de Janeiro, 1941, Academia Brasileira, reedição da anterior, mas acrescida de Nota Preliminar de Afrânio Peixoto, e de Biografias e Notas de Regina Pirajá da Silva (4.^a ed.).

Em 1817, na Bahia, aparecia DE CURA BOUM / IN BRASILIA / LATINO CARMINE / DEDUCTA / AUCTORE / JOSEPHO RODRIGUES DE MELLO / Lusitano Portuensi. / (Vinheta ornamental) / BAHIAE: / TYPIS EMMANUELIS ANTONII / SILVA SERVA. / ANNO M. DCCC. XVII. / Cum Facultatibus (sic!) necessariis.

Esta página de rosto, em latim, vem confrontada por outra, em português, que lhe completa as indicações:

AO / ILLUSTRÍSSIMO E EXCELLENTÍSSIMO / SENHOR / CONDE DOS ARCOS, (4) / Do Conselho de Sua Magestade Fidelíssima, Grão-Cruz / da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, Gentil Homem / da Camara do Sereníssimo Senhor Príncipe do Brazil, / Marechal de Campo dos Reaes Exercitos, Beneficentis—/ simo Governador da Capitania da Bahia, Incançável Pro—/ tector das Letras, &c. &c. &c. / TRADUCÇÃO PORTUGUEZA / DO / POEMA BUCOLICO / DE / JOSÉ RODRIGUES DE MELLO, / Lusitano Portuense, / FEITA, OFFERECIDA, E CONSAGRADA / POR / JOÃO GUALBERTO FERREIRA / DOS SANTOS REIS, (5) / Professor Regio

(4) Conde dos Arcos (Dom Marcos de Noronha e Brito). Título com que se distingue especialmente o Oitavo Conde dos Arcos, último Vice-Rei do Brasil (1771-1828). Governou de 1806 a 1808, pois, em consequência da pressão napoleônica sobre Portugal, e, finalmente, da invasão francesa desse país, em 1807 o Príncipe-Regente D. João transferiu para o Brasil a sua corte. Com a chegada do Príncipe-Regente, passou ao governo da Bahia (1808 a 1817). Foi ainda ministro de D. João VI e conselheiro do Príncipe-Regente D. Pedro. Outro Conde dos Arcos, o Sexto, em 1746 foi nomeado governador de uma capitania compreendendo terras goianas separadas da sujeição de São Paulo, somente erigida em Capitania-Geral de Goiás em 1748. Chamava-se também D. Marcos de Noronha.

(5) Sobre o tradutor e sua obra, cf. nosso artigo "João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, Tradutor da *Geórgica Brasileira*". IN: Revista de Letras, F. F. C. L. de Assis, vol. 16, 1994, p. 105-116.

da Língua Latina da Freguezia do Se- / nhor do Bom-fim da Mata de S. João, natural / desta Cidade da Bahia./BAHIA: NA TYPOGR. DE MANOEL ANTONIO DA SILVA SERVA. / ANNO M. DCCC. XVII. / Com as Licenças necessarias.

96 páginas, antecedidas por oito páginas inumeradas, sendo da quinta à oitava com DEDICATORIA (5: 144 x 99 mm).

De cura boum in Brasilia é um dos quatro livros do **De rusticis Brasiliae rebus**, traduzido, isoladamente, para o português, por João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, treze anos antes da publicação da **Geórgica Brasileira**, que engloba o conjunto dos cantos latinos de José Rodrigues de Melo e Prudêncio do Amaral/ Jerônimo Moniz, publicados, pela primeira vez, em Roma, no ano de 1781, e saídos a lume em 1830, na Bahia, acrescidos de tradução brasileira (6).

O poema, de 692 versos hexâmetros datílicos, próprios do gênero didático, segue a seguinte disposição estrutural:

- v. 1-12 : Proposição.
- 13- 25 : Invocação ao Príncipe do Brasil (D. João VI, que devia contar, na época da impressão desta obra (1781), uns treze anos mais ou menos.
- 25- 34 : Vastos territórios do Brasil, muito distantes das cidades, são concedidos ao primeiro ocupante; não são assim os que se acham nas proximidades das cidades ou de lugares habitados.
- 35- 41 : Vantagens das pastagens vizinhas à cidade.
- 42- 48 : Inconvenientes das afastadas.
- 49- 61 : Evitem-se os maus vizinhos.
- 62- 65 : Cuidado em especular a natureza e índole dos terrenos.
- 66- 78 : Sejam planas, mas com algumas pequenas colinas.
- 79- 81 : E com bosques numerosos.
- 82- 88 : Haja abundância de água.
- 89- 94 : Indício de água oculta.
- 95- 99 : Faltando água, construam-se açudes.
- 100-103 : Convém que as pastagens tenham trechos úmidos.
- 104-108 : Devem-se evitar as pastagens pantanosas.
- 109-115 : Necessidade da drenagem. Seus resultados.
- 116-170 : Fazenda de Santa Cruz, nas redondezas do Rio de Janeiro. Técnicas e obras hidráulicas empregadas em sua formação e conservação.
- 171-175 : Elogio ao Padre Pedro Fernandes, autor daquela obra.
- 176-189 : Queima dos campos no estio. Visão do espetáculo. Fuga dos animais. Presas das chamas. Estalos.
- 190-200 : A sorte dos lagartos e da variada família das cobras.

(6) **Poesias De João Gualberto Ferreira Santos Reis**, Lente Público de Língua Latina. Tomo III. Bahia. Na Typographia Imperial e Nacional. Anno de 1830 — Ao Senhor D. Pedro I., Imperador Constitucional, E Perpetuo Do Brasil, Traducção Da Geórgica Brasileira Em cinco Cantos, originalmente compostos o primeiro Por Prudencio Do Amaral, Bahiense, E os quatro ultimos Por José Rodrigues de Mello, Portuense, Dedicada, Offerecida, E Consagrada Pelo Traductor João Gualberto Ferreira Santos Reis.

- 201-205 : Triste aspecto no abrasado campo, até que as chuvas restituam a tudo sua natureza.
- 206-223 : As vacas dão cria por este tempo, daí os cuidados contra inúmeras enfermidades.
- 224-230 : Superstição dos vaqueiros para curar as bicheiras do gado. Desaprovação das práticas supersticiosas.
- 231-239 : Apliquem-se os verdadeiros medicamentos à grei.
- 240-253 : De noite, prendam-se nos chiqueiros os bezerras sãos.
- 254-267 : Ordenha. Soltura das crias e das vacas.
- 268-272 : Fabricação do queijo.
- 273-286 : Obrigação dos vaqueiros: percorrer os campos, cuidando, vigiando e socorrendo.
- 287-301 : Escravos fugidos. Suas rapinas. Obrigação de denunciá-los às autoridades.
- 302-307 : Outras obrigações dos vaqueiros: visitar freqüentemente as plantações; examinar as cercas dos pastos; prender o gado destruidor; consertar os currais.
- 308-317 : Estragos que causa o mau vaqueiro.
- 318-320 : O próprio dono visite freqüentemente os campos.
- 321-328 : As puras delícias do campo.
- 329-334 : A mútua amizade dos bois.
- 335-351 : Lutas dos touros enciumados.
- 352-391 : Maneira de reconduzir o rebanho ao curral.
- 392-397 : Marcação dos novilhos, a ferro em brasa.
- 398-417 : Castração dos bois.
- 418-426 : Separem-se vistosos touros para a reprodução da raça. Características.
- 427-473 : Urubus: úteis e danosos.
- 474-501 : Morcegos: estragos e prejuízos que causam.
- 502-524 : Onça: numerosas no Brasil. Descrição do animal. O medo que mete. O boi, pelo olfato, descobre-lhe a presença e, mugindo, alerta o gado, que se une em grande círculo, formando sua defesa.
- 525-537 : O ataque da onça: Seus ardis. Só ataca a rez fora do rebanho.
- 538-561 : Hábito da onça em guardar debaixo da folhagem os restos da presa, que é preciso descobrir. Necessidade do preparo da armadilha. Espreita. Morte da fera.
- 562-579 : O inexperto em armas de fogo não se atreva a tanto. Maneira de se formar a armadilha com arcabuzes.
- 580-600 : Caçada à onça. Diversos modos de caçá-la: tocaia; armadilha com arcabuzes; fojo com estrepes; cercado com alçapão e, finalmente, a caçada com cães.
- 645-661 : Resta, porém, o combate impossível às cobras, assolação do gado. Sua letal picada não encontra cura na medicina veterinária.

661-672 : Um só remédio há: a proteção do Venerável Padre José de Anchieta que, em vida, amansava cobras e onças. O efeito milagroso de suas relíquias.

673-692 : Desejo de vê-lo na glória dos altares, venerado Santo, declarado e reconhecido Taumaturgo.

.. Na tradução brasileira do *De rusticis Brasiliae rebus* e *De sacchari officio*, João Gualberto Ferreira dos Santos Reis, na página que antecede o quinto canto na *Geórgica Brasileira*, escrevia:

“O Canto n.º 5, como se segue, é o mesmo, que foi traduzido e oferecido por mim ao Excelentíssimo Conde dos Arcos, quando era aqui Governador. Este generoso Herói, eficaz Protetor e Animador das Letras e dos Gênios, e Amigo insigne da Bahia, a qual por deveres da mais justa Gratidão deve honrar saudosa a lembrança de tão distinto e indubitável Benfeitor seu, dignou-se aceitar, e acolher aquela oferta, primeiro ensaio dos meus escritos, e fez que se imprimisse o dito Canto; resultando-me d’aí nome, interesse e afoiteza, para continuar e sublimar os vãos, então ainda fracos e medrosos.

Agora, porém, que felizmente pude aplicar à Tradução do dito 5.º Canto o *limae labor et mora* — de Horácio, depois de novamente o corrigir e melhorar, incorporei-o nesta *Geórgica*, de que é tão digna parte” (7).

Desta nota depreende-se que a edição de 1817 corra por conta do Conde dos Arcos (8), e que o poema, na edição de 1830, se reeditava com as necessárias correções e polimentos.

Não foi possível, no momento, averiguar a verdadeira extensão destes *limae labor et mora*, tão enfatizados pelo tradutor. Isso constituirá trabalho à parte, que pretendemos ainda desenvolver ou fazer desenvolver por alguém da equipe do *Archivum Generale Poetarum Latinorum Brasiliensium*.

Até pouco, não se sabia de uma segunda edição deste canto, cujo exemplar encontramos, graças às indicações de Dona Rosemarie Horch, na “Coleção Lamego”, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Data de 1818, e saiu pela mesma imprensa.

Carlos Sommervogel (9), Sacramento Blake (10), Serafim Leite (11) e Rubens Borba de Moraes (12), referindo-se ao *De cura boum*, repetem as indicações encontradas em Inocêncio Francisco da Silva (13).

(7) Cf. Prudêncio do Amaral e José Rodrigues de Melo — *Geórgicas Brasileiras. Canto sobre Coisas Rústicas do Brasil*. 1781. Versão em linguagem de João Gualberto Ferreira dos Santos Reis. Biografias e Notas de Regina Pirajá da Silva. Publicação da Academia Brasileira. Rio de Janeiro, 1941. Com Nota Preliminar de Afrânio Peixoto. Pág. 319.

(8) Sobre o Conde dos Arcos (Dom Marcos de Noronha e Brito) cf. nota n.º 4.

Renato Berbert de Castro é o único e o primeiro a nos informar profunda e abaladamente acerca da edição de 1817 (primeira), cujo exemplar possui e conhece um outro, do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia (ref. I — 26,3,59) (14).

No entanto, parece existir um terceiro exemplar desta obra; é o que se deduz no **Catálogo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz** (15), publicado em 1920, e no qual esta obra consta na lista de livros postos à venda.

Sob o ponto de vista literário, o Latim de José Rodrigues de Melo é, realmente, muito superior ao de Prudêncio do Amaral/Jerônimo Moniz, pela pureza da língua, como pela fluidez dos versos de verdadeiro saber e movimento clássico.

Poucas vezes, acreditamos, a Terra brasileira teve pintor mais eficaz e sincero do que José Rodrigues de Melo, em cujos versos, exarados num Latim elegantíssimo, se condensam: bucolismo, economia rural, observação de fatos, cientificidade, poesia e beleza.

Depois de lida a obra de José Rodrigues de Melo com o devido preparo, é que o crítico poderá condenar e refutar a leviana e injusta assertiva de Sílvio Romero:

“Nada se terá que ver com alguns frades despreocupados ou ociosos que mataram o tempo a escrever versos **latinos**, ou a publicar sensorias em Roma. São homens que nunca viveram na consciência da pátria, não foram forças vivas ao seu serviço. Foram indiferentes na vida e sê-lo-ão sempre na morte e no esquecimento. Não merecem justificação e ressurreição histórica” (16).

“Nada existe a estudar nos versos latinos de Prudêncio do Amaral e de Francisco de Almeida. Uma idéia, todavia, deve ser notada: nestes, como em alguns dos outros poetas lembrados, há a continuação do pensamento iniciado entre nós desde o século XVI, — certa tendência para tratar de assuntos nacionais” (17).

(9) Carlos Sommervogel, S. J. — **Bibliothèque de la Compagnie de Jésus** (...). Bruxelles, Oscar Schepens, MDCCCXCV, tome VI, col. 1981.

(10) Augusto Victorino Alves Sacramento Blake — **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1899, quinto volume, p. 164.

(11) Serafim Leite, S. I. — “Geórgicas Brasileiras”. IN: **Verbum** (Revista da Universidade Católica, Rio de Janeiro, março de 1946, tomo III, fasc. 1, p. 43; **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1949, tomo IX, p. 101.

(12) Rubens Borba de Moraes — **Bibliographia Brasiliana**. Rio de Janeiro, Colibri Editora Ltda. (s. d.), vol. II, p. 51; **Bibliografia Brasileira do Período Colonial**. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, 1969, 9, p. 230.

(13) Innocencio Francisco da Silva — **Dicionário Bibliográfico Português**. Lisboa, Na Imprensa Nacional, MDCCCLX, tomo quinto, p. 116.

(14) Renato Berbert de Castro — **A Primeira Imprensa da Bahia e suas Publicações**. Tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva 1811-1819. Imprensa Oficial da Bahia, 1969, p. 144-145.

(15) **Catálogo da Biblioteca de Francisco Ramos Paz** (Falecido no Rio de Janeiro em 31 de janeiro de 1919). Rio de Janeiro, Typ. d'O Imparcial, 1920, p. 185.

(16) Sílvio Romero — **História da Literatura Brasileira**, 6.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960, tomo primeiro, p. 56.

(17) **Idem**, *ibidem*, 1943, tomo segundo p. 55.